

“IPORÃ DE LUJO”: UM OLHAR PARA A PRESENÇA TRANSLÍNGUE E SEUS REPERTÓRIOS LINGUÍSTICOS EM JARDIM-MS

Florinda Ramona Jara dos Santos (UEMS)

flora-jara@hotmail.com

Ruberval Franco Maciel (UEMS)

ruberval.maciel@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, busco apresentar a relação linguística, em seu percurso histórico e social, em uma visão via fronteira, como forma de discutir o direito à fala materna, bem como o reconhecimento da prática translíngue de imigrantes paraguaios e suas relações com os sujeitos por meio da linguagem, em terra considerada monolíngue, mas que na prática convive com a translíngua. Abordo a conceituação do colonialismo e a colonialidade e seus efeitos do monolinguismo e do bilinguismo, discutindo a migração, o percurso migratório e colonialidade até os dias atuais, bem como os modos comportamentais de diversos povos, por meio das línguas, que fundamentam o sujeito e as relações humanas.

Palavras-chave:

Fronteira. Translíngua. Percurso histórico.

RESUMEN

En este artículo, busco presentarla relación lingüística, en su recorrido histórico y social, en una visión de frontera, como forma de discutir el derecho al habla materna, así como el reconocimiento de la práctica translíngüe, de inmigrantes paraguayos y sus relaciones con los sujetos por medio del lenguaje, entienda considerada como monolíngüe, mas en la práctica convive con el translenguaje. Abordo la concepción del colonialismo y la colonialidad y sus efectos del monolingüismo y del bilingüismo, discutiendo la migración, el recorrido migratorio y la colonialidad hasta los días actuales, así como los modos comportamentales de diversos pueblos, por medio de las lenguas, que fundamentan el sujeto y las relaciones humanas.

Palabras clave:

Frontera. Translenguaje. Recorrido histórico.

1. Introdução

O presente artigo, baseado nas relações linguísticas entre povos, é um dos temas de uma diversidade de estudos no campo linguístico, e vem para solidificar cada vez mais o conhecimento e reconhecimento dos direitos linguísticos como fundamentais e coletivos, bem como a liberdade de uso da língua materna em países considerados oficialmente mono-

línguas, mas que na prática, vivem o bilinguismo e, em certos casos, o translanguismo.

Quando se trata de Linguística Aplicada é impossível dissociar línguas de povos e todas as questões que permeiam a história e a existência da humanidade, diretamente ligadas à linguagem. Para corroborar com esta evidência, esta pesquisa pretende considerar esta relação em uma interação entre fronteiras. Antes, conceituarei o colonialismo e a colonialidade e seus efeitos do monolinguismo e do bilinguismo, discutindo a migração, o percurso migratório e a colonialidade até os dias atuais. Discutir também os modos comportamentais de diversos povos, por meio das línguas, que nascem, morrem, se reinventam, resistem e se misturam para ressignificar práticas lingüísticas como a translanguagem, que fundamentam o sujeito e as relações humanas.

Nessa perspectiva de comunicação, fundamentada no sujeito e na linguagem, baseio-me em Rocha e Maciel (2015), que partilham das ideias de *Blackledge et al.* (2014), em relação ao apelo por ressignificações em torno do que se entende por língua, linguagem, grupos de falantes e comunicação. Assim, defendem em seus estudos que o construto de línguas, como sistemas distintos, fechados e finitos evidencia-se pouco efetivo frente às práticas híbridas de uso da linguagem que hoje se tornam mais visíveis e contundentes, principalmente em locais fronteiriços, como Brasil e Paraguai.

Em vista dos elementos mencionados e apreciadora de minha origem paraguaia translíngue, bem como das questões linguísticas que a envolvem, considero importante conhecer a história que as compõem e representam. Apoiada nos estudos de Monteagudo (2012) sobre monolinguismo e bilinguismo, e de Mignolo (2011), (2010) e Quijano (2002; 2005; 2007; 2014) acerca dos efeitos da colonização e colonialidade, faço um percurso histórico para uma compreensão da trajetória das práticas das línguas por meio do tempo até a atualidade.

2. O colonialismo, um trajeto histórico e suas marcas linguísticas

O processo linguístico tem uma direta relação com o processo histórico de colonialismo entre pelo menos dois imaginários linguísticos constituídos por povos distintos culturalmente, bem como as línguas com memórias, histórias e políticas desiguais. Esta relação de poder, desde então, tem determinado a existência ou aniquilação de línguas – estabele-

cida por políticas organizadas para impor a língua que tenha mais força econômica e social sobre as outras – cedendo lugar às línguas colonizadas. Une, portanto, língua e nação em um projeto único: tornar o lugar colonizado monolíngue.

Ao refletir sobre essa ação, é possível verificar que as consequências da colonização linguística tiveram trajetórias diferentes entre as línguas indígenas, africanas e as colonizadoras como o português, o inglês, o francês e o espanhol das Américas. Entretanto, neste estudo, a prioridade é discutir as línguas espanhola, portuguesa e guarani.

Dessa perspectiva, é importante conhecer, em um cenário de lutas e conquistas da Europa e suas colônias, o percurso histórico, os agentes envolvidos e as consequências de poder e subalternidade das ações ao longo do tempo, que geraram e geram os comportamentos dos povos. Valho-me de uma citação de Quijano (2014) para fundamentar o início deste estudo.

El proceso de formación del mundo colonial es el contexto histórico dentro del cual se va constituyendo y definiendo “Europa” como categoría histórica particular y distinta, y como centro hegemónico de ese mundo. Es parte del mismo proceso la elaboración de la nueva racionalidad que funda la modernidad y se asocia con ella. Por eso, los europeos y sus descendientes en las colonias tienen el papel central en esa elaboración. Una de las implicaciones de todo ello es que el nuevo modo de producir conocimiento, su perspectiva central y sus categorías específicas, no podrían ser elaborados independientemente de las experiencias, ideas, imágenes y prácticas sociales implicadas en la colonialidad del poder. (QUIJANO. 2014, p. 10-11)¹.

Ainda do ponto de vista de Quijano (2002, p. 01) “o fenômeno do poder é caracterizado como um tipo de relação social constituído pela presença permanente de três elementos: dominação, exploração e conflito”. Sob estes constituintes, fundam-se e se determinam povos e línguas conquistadores e conquistados.

¹ O processo de formação do mundo colonial é o contexto histórico dentro do qual constituindo-se e definindo “Europa” como categoria histórica particular e distinta, e como centro hegemônico desse mundo. É parte do mesmo processo a elaboração da nova racionalidade que funda a modernidade e se associa com ela. Por isso, os europeus e seus descendentes nas colônias têm o papel central nessa elaboração. Uma das implicações de tudo isso é que o novo modo de produzir conhecimento, sua perspectiva central e suas categorias específicas, não poderiam ser elaborados independentemente das experiências, ideias, imagens e práticas sociais implicadas na colonialidade do poder. (QUIJANO. 2014, p. 10-11)

Assim, considerados os fatos relevantes dessas conquistas ocidentais – tanto a econômica quanto a epistemológica – uma questão prioritária foi esquecida: os envolvidos nessa disputa. Vidas foram descartadas como se fossem mercadorias e, facilmente substituídas, quando necessário. Para os exploradores, o fator humano foi dos problemas, o menor. Bastava calar e impor, usando a força e o poder da exploração e da escravidão, marcadas na trajetória de conquistas por parte dos portugueses que roubavam negros no litoral da África, tornando-se exemplo para os espanhóis. A eles se juntaram franceses e ingleses, para assentar colônias nas Índias Ocidentais ou na América. Morte, destruição e tomada de poder, esse era o lema e o contato dos conquistadores com seus colonizados. Sem esquecer da influência religiosa e sua significativa contribuição na trajetória atroz e sangrenta, em nome do cristianismo, narrativa confirmada por Mignolo e Quilligan.

Durante o processo, conflitos internos de interesse surgiram entre elas, pois todas – Espanha, Portugal, Holanda, França e Inglaterra – tinham interesse tanto no comércio de escravos africanos como na terra e no trabalho indígena. Assim, durante o processo, as regras das diferenças internas imperiais (entre Estados imperiais europeus) foram estabelecidas (por exemplo, as invectivas lançadas por Isabel I contra a brutalidade dos espanhóis no Novo Mundo, que ficaram conhecidas como a “lenda negra”). (MIGNOLO; QUILLIGAN, 2007, p. 5)

Em meio a este cenário de crueldade, sangue e poder, reinava a voz do mais forte sobre povos dominados e destruídos dentro de suas próprias terras, perda de territórios, vidas, culturas incorporadas a novos costumes impostos, línguas modificadas, perdidas ou silenciadas. Diante desses fatos inegáveis da história, que compõem a formação humana de colonizadores versus colonizados, é marcante a negligência com o aspecto humano e suas relações. Em contrapartida, nesse novo modo de vida, ainda que de maneira forçosa ou involuntária, é importante destacar que a comunicação e as inter-relações ocorreram por meio da língua.

No que se refere à comunicação, o aspecto do sentimento é de extrema importância, para se ter um posicionamento mais humano frente à linguagem. A concentração, de um modo geral, é tanto em fatos, conhecimentos e verdades, mas não em processos, estratégias e efeitos de sentimentos. Estes últimos também são relevantes na vida, mas geralmente ficam em segundo plano. Assim associo um dos fundamentos de pesquisa, que considero impossível separar, que é o sentimento do conhecimento.

O estudo neste campo é amplo, mas restrinjo-me aos dois últimos elementos, citados no parágrafo anterior, por considerá-los fundamentais no processo de investigação linguística no sentido de averiguar a relação da linguagem entre paraguaios em terras brasileiras.

Ao contextualizar as teorias e as evidências, se torna impossível dissociá-las do lado emocional. Principalmente quando a vivência está tão ligada a esses aspectos. Para essa justificativa, valho-me de Spinoza, ao afirmar:

Pensar é transformar as categorias do mundo, não como representação, mas como prática de experimentação; um encontro faz pensar, provoca o pensamento. Este nunca parte, no sistema espinosano, de uma decisão racional ou voluntária. É nesse sentido que também se pode afirmar que não há pensamento sem uma base afetiva que o sustente e acompanhe. A relação entre razão e afetividade em Espinosa é de continuidade, não de oposição. (SPINOZA, p. 14 e 15. 1881)

O contato histórico corrobora para as evidências e sustenta as ideias mencionadas anteriormente, como pode ser visto em Viana (2010):

Em primeiro lugar, devo ressaltar que a população de 10 milhões de pessoas vivendo na América no ano de 1600 não era apenas de nativos, já que incluía também os europeus e os africanos que chegaram aqui. Assim, a extensão da catástrofe demográfica dos nativos fica ainda maior, evidenciando a grande mortalidade dos índios americanos. Vários fatores concorrem para essa brutal mortalidade indígena: os deslocamentos forçados, a fome, a desestruturação social, religiosa e cultural e a violência dos conquistadores são elementos que explicam a grande queda demográfica entre os nativos. Mas a conquista trouxe também doenças até então desconhecidas pelos nativos americanos (sarampo, gripes e doenças respiratórias, entre outras), que não resistiram diante da invasão de germes para os quais não possuíam defesas. A propagação das epidemias transmitidas pelos europeus foi, sem dúvida, a principal causa da intensa mortalidade indígena ao longo do primeiro século da conquista. Toda e qualquer reflexão a respeito da construção da sociedade colonial nas Américas deve levar em conta que o mundo dos nativos estava enfraquecido não apenas pelas derrotas militares diante da invasão dos europeus. De fato, tais sociedades precisaram se adaptar à conquista em meio a muitas mudanças e violências, particularmente dramáticas, por ocorrerem em meio ao caos das doenças e da intensa mortalidade nativa. (VIANA, p. 14, 2010).

A partir dessas observações e importantes suportes teóricos, é possível compreender a trajetória linguística, por meio da história, em especial das línguas colonizadoras e colonizadas, suas formações e transformações, presentes em meu tema de pesquisa.

Em relação à perspectiva da condição linguística e suas determinações de uso monolíngue, bilíngue e translíngue, direciono-me ao próximo passo do estudo, guiada pela base teórica de Monteagudo (2012).

3. *Do suposto monolinguismoteórico à realidade do bilingüismo*

Conforme presenciemos no percurso histórico colonial e seus resquícios na colonialidade, a relação entre os Estados e suas línguas sempre esteve latente na história da humanidade. Dessa forma e visando a atuação linguística em seu decorrer, torna-se significativo o estudo do monolinguismo e do bilingüismo. Para tanto, recorro aos estudos de Monteagudo (2012), quando revela que o mundo sempre foi bilíngue, tendo em vista que na Roma Antiga, além do romano, a elite falava o grego e na Europa centro-ocidental, o clero falava também o latim. Até o final do século XVIII, a Península Ibérica era plurilíngue, havia o latim só escrito e o árabe, falado e escrito. Logo vieram o occitano, hebreu, galego-português, asturleonês, castelhano, aragonês e catalão e ainda o vasco, carente de cultivo escrito.

Por conseguinte, se o bilingüismo sempre existiu, isso caracteriza que havia falantes, mas de que forma era falado e quem o falava? Era para todos? Esse questionamento vem em decorrência da curiosidade de saber em que momento deixou de existir, e até mesmo da visão bilíngue que se tem na atualidade. Enquanto umas línguas são consideradas de prestígio, outras são depreciadas. Sobre essa condição, Monteagudo (2012) afirma que:

De uma parte, existe um bilingüismo de elite, que se consegue mediante o aprendizado formal de uma língua de cultura auxiliar, e que tradicionalmente estava reservado a grupos sociais privilegiados, como era o caso da aristocracia romana, os clérigos medievais ou os letrados da idade moderna. De outra parte, existe um bilingüismo social, que se produz mediante o contato espontâneo entre falantes de várias línguas, e que tipicamente corresponde à situações de coexistência de duas línguas espalhadas em um mesmo território e/ou duas comunidades linguísticas formando parte de uma mesma entidade política, como podia ser o caso das variedades faladas do árabe e do romance no centro e, sobretudo, no sul da península durante a Idade Média. (MONTEAGUDO, 2012. p. 45).

Diante dessa afirmação do autor, muitas questões linguísticas e comportamentais ganham sentido. O problema nunca foi o fato de um falante ser bilíngue ou não, o valor se resumia em quem estava em cada

ponta dessas línguas. Elite e sociedade, nunca estiveram na mesma extremidade.

Nesse sentido, Rocha e Maciel (2015), reiteram a relação de poder que envolve toda e qualquer prática de linguagem e que resulta em desqualificar o que é considerado diferente, geralmente a partir de perspectivas colonizadoras e ocidentalizadas. Ser bilíngue – em uma análise pelo prisma elitista, em pleno século XXI - ainda continua nos mesmos moldes: se o sujeito é bem nascido, terá acesso aos mais variados idiomas e formas de aquisição de novas línguas, de maneira mais fácil e privilegiada.

Assim como as línguas têm um sentido de ir e vir, neste artigo discorro nessa mesma linha ao tornar mais evidente a visão sobre bilinguismo na atualidade. Para Monteagudo (2012), o bilinguismo não é um fenômeno extraordinário, se visto da perspectiva da história ocidental justamente por fazer parte do dia a dia do falante, em sua casa e/ou com a família. Sendo assim, em que momento o mundo deixou de ser bilíngue? Por que hoje em dia, se exige tanta justificativa para esse efeito, enquanto ser monolíngue é o dito normal? Então o monolingüismo foi inventado? Para responder a estes questionamentos o autor nos traz as mudanças que ocorreram a partir da visão da língua como identidade nacional na Europa contemporânea.

Concordo com Monteagudo (2012, p.45), que o monolingüismo não é um fenômeno espontâneo, mas está diretamente relacionado com a criação dos estados nação de formato europeu, enquanto artefatos de invenção relativamente recente, que determina a um país ou a uma sociedade formada por falantes de variadas línguas, que deve usar uma somente. Em nome do nacionalismo, da tradição, do território, da raça, o monolingüismo se estabelece. Nesse sentido, nação e invenção do monolingüismo oficialmente se encontram no mesmo ambiente, com intenção de encobrir a realidade bilíngue de sua comunidade, isto aos moldes do monolingüismo herderiano.

Esta operação de caráter homogeneizadora e glotopolítica, é o modelo típico de poder da nação sobre o povo. Para instalar sua ideia unificadora, bem como seus ideais e manter a comunidade conforme seus interesses, vale-se da condição de carência dessas comunidades desde o reconhecimento de sua identidade própria. Afinal, uma língua e uma cultura ficam em segundo plano quando a questão é a sobrevivência.

Língua sempre foi sinônimo de poder, seja político e/ou econômico. De acordo com Monteagudo (2012):

Quer dizer, fundavam-se na existência de comunidades étnicas englobadas em estados multiétnicos (e/ou fragmentadas politicamente), comunidades muitas vezes carentes de tradições estatais próprias e caracterizadas pela posse de uma língua própria, a qual, frequentemente carecia de tradição cultivada (mesmo, em muitos casos, era totalmente ágrafa), ainda que em alguns casos pudessem ser invocados precedentes históricos mais ou menos remotos de posse de um estado próprio ou de cultivo literário do idioma vernáculo. (MONTEAGUDO, 2012. p. 50)

Outra proposta de consolidação do monolinguísmo se concentra no construtivismo, cujo argumento se baseia em um processo recente com características de modernidade relacionados com construção de estados nacionais, resultado da unificação mercadológica, cultural e linguística, por meio da educação por intervenção da tecnologia e meios de educação, impondo uma língua padrão e difundindo a escrita, apoiada pela imprensa, conceituando dessa forma, o termo *invenção*.

Diante desse pressuposto, permito-me relacionar esse excerto da história do monolinguísmo e me posicionar contra este velho modelo, ao assegurar o lugar que sempre ocupou; a teoria, posto que a prática é inegavelmente o contrário. Para comprovar meu ponto de vista, cito minha vivência na Educação, desde a infância quando estudava no Paraguai e vivia o bilinguísmo em guarani e em espanhol. Mais tarde, ao imigrar para o Brasil, ainda em ambiente escolar, agreguei a língua portuguesa. No meu caso, essa condição foi totalmente benéfica porque facilitou conhecer e viver essas três linguagens, tanto para minha comunicação quanto para avançar nos estudos a ponto de torná-las uma profissão e continuar difundindo as línguas e contribuindo para tornar o mundo cada vez menos monolíngue.

Para conhecer o fazer linguístico de outros paraguaios, que assim como eu, atravessaram a fronteira e atualmente são cidadãos em terras brasileiras, direciono meu trabalho para a averiguação da prática da translíngua, de uma das famílias investigadas com a finalidade de destacar o repertório linguístico que compõe sua fala em sua vivenciana cidade de Jardim-MS.

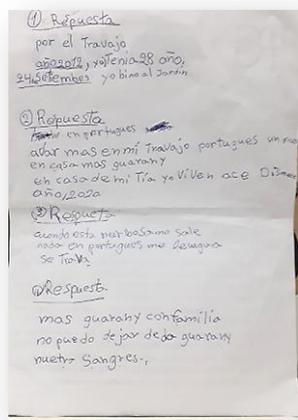
4. A prática linguística do paraguaio em Jardim-MS

Ao discutir a história do Paraguai e seu contexto linguístico, é inevitável não associá-lo às duas línguas oficiais que o categoriza uma terra de bilíngues, considerando que a caminhada nunca foi individual, espanhol ou guarani. Juntos, esses idiomas levam à percepção de que mesmo com todos os acontecimentos históricos já citados anteriormente, é impossível separar duas línguas, separar vidas marcadas para sempre, pelo passado que as mantêm vivas até hoje, enquanto muitas sucumbiram e existem na história somente para serem lidas e conhecidas.

Nessa perspectiva de dualidade linguística – nata do falante paraguaio, habituado a se comunicar em espanhol e guarani em seu espaço geográfico – ao se deslocar para o Brasil, todo paraguaio carrega consigo a prática bilíngue. Este hábito natural de ir e vir de uma língua para outra, o torna adaptável ao novo ambiente geográfico, social e linguístico, ao se deparar com a língua portuguesa.

Diante dessa constatação, e por conhecimento próprio, minha pesquisa ganha sentido e avança para o estudo da translíngua em observar, entrevistar e registrar a prática translíngue, demonstrado, neste artigo, pelas respostas de uma integrante da família Riquelme, participante da investigação. Com o objetivo de analisar o repertório linguístico, optei por uma conversação mais informal para apresentar a translíngua em sua prática real, conforme destacado na imagem abaixo, em resposta a um questionário sobre a vida de imigrante em Jardim, MS.

Imagem 1: Questionário sobre a vida de imigrante em Jardim-MS.



Fonte: Dados da pesquisa.

Nesta entrevista com uma imigrante de nacionalidade paraguaia, residente em Jardim, desde 2012, foi possível evidenciar que, apesar do tempo de vivência no Brasil, há a presença do bilinguismo em sua escrita, ao responder em espanhol, no entanto, afirma a prevalência do uso do guarani em sua comunicação diária, em um contexto familiar e manifesta o orgulho e o amor pela sua língua materna. Este fato é típico entre os paraguaios, que não dissociam sua fala em contato com outros paraguaios. É algo inerente à sua comunicação e relação social e familiar. Entretanto, em um contexto fora de seu ambiente linguístico, a referida imigrante faz uso da língua portuguesa como finalidade de estabelecer uma melhor interlocução com os brasileiros – seja no meio trabalhista ou em seu novo convívio social – visto que a mesma possui vínculo empregatício no país em que reside atualmente.

Esta prática vem ao encontro do conceito de Meliá, ao afirmar que “la lealtad hacia una lengua como propia, diferenciada, tradicional e histórica, que sin embargo, no se cierra al aprendizaje y uso de segundas y terceras lenguas, dada la conveniencia de comunicarse con otros pueblos y comunidades; lo propio no excluye lo ajeno ni rechaza lo diferente”² Meliá, em Castiñeira 2017: 115. *Apud*, p. 143, Estudios Paraguayos – Vol. XXXVI, N° 2 - Diciembre 2018).

Associado a este pensamento, afirma Blommaert (2012, p. 60) que, quando uma língua se move pelo mundo, ela não se move por espaços vazios, mas por espaços já ocupados por códigos linguísticos e semióticos, com suas normas, expectativas e valores. Teoria solidificada na prática atualmente, como no caso do imigrante paraguaio que ao se locomover para o Brasil, traz consigo toda uma carga linguística que se depara com outra no espaço em que está inserido.

5. Considerações finais

A teoria consolidada na prática de translanguagem na manifestação linguística em análise realizada com a pesquisada neste artigo, evidencia uso da língua espanhola na escrita, resultado de uma educação baseada nos moldes da colonização espanhola como a melhor forma

² “A lealdade com uma língua como própria, diferenciada, tradicional e histórica, no entanto, no se encerra na aprendizagem e uso de segundas e terceiras línguas, dada a conveniência de comunicar-se com outros povos e comunidades, o próprio não exclui o alheio nem recusa o diferente.”

educacional e cultural, imposta na educação formal no Paraguai, seu país de origem. Fato muito bem retratado e muito bem analisado por Arnoux (2016):

En algunas ocasiones, los procesos de minorización son paradójicos ya que contradicen los principios por los cuales se han tomado decisiones glotopolíticas. Por ejemplo, en el caso de lenguas amerindias que han sido declaradas oficiales como una forma de valorar su importancia en relación con las identidades sociales y de valorar a sus hablantes como actores de los procesos democráticos, se las minoriza cuando la norma escrita se presenta como único patrón de las prácticas desconociendo la diversidad propia de las culturas orales. Sabemos que la estandarización y el desarrollo de una variedad escrita que debe circular por la escuela, los medios y el aparato estatales fundamental para que adquieran el estatuto de oficiales en los Estados actuales en los que la escritura juega un papel importante. El peligro reside en que funcione como el modelo prestigioso y afecte empobreciendo las formas propias de la cultura oral (para el caso del Paraguay: MELIÁ, 2010; NIRO, 2013). (ARNOUX, 2016. p. 292)³

Por outro lado, confirma-se a necessidade e a vontade de preservar os costumes e a língua guarani. O direito de usar aquela língua, sempre esteve inegavelmente presente nas conversas familiares e informais, na vida dos paraguaios, como é possível constatar na última resposta da entrevistada.

Neste artigo, procurei, portanto, dar visibilidade ao imigrante paraguaio que, representada pela entrevistada, ao atravessar a fronteira, carrega consigo as mesmas vontades e necessidades linguísticas, formadoras de sua identidade trilingue, comprovada na pesquisa, pela imigrante que se expressa em português no trabalho, fala em guarani com a família, no entanto, se expressa na escrita, somente na língua espanhola, evidenciando em terra brasileira, o direito ao uso de sua língua materna e assim pretende alcançar o reconhecimento de sua condição translíngua, como membro da sociedade brasileira, em Jardim-MS.

³ Em algumas ocasiões, os processos de minorização são paradoxais já que contradizem os princípios pelos quais se tomaram decisões glotopolíticas. Por exemplo, no caso de línguas ameríndias que foram declaradas oficiais como uma forma de valorizar sua importância em relação com as identidades sociais e de valorizar seus falantes como atores dos processos democráticos, se as minoriza quando a norma escrita se apresenta como único padrão das práticas desconhecendo a diversidade própria das culturas orais. Sabemos que a estandarização e o desenvolvimento de uma variedade escrita que deve circular pela escola, os meios e o aparelho estatal é fundamental para que adquiram o estatuto de oficiais nos Estados atuais nos quais a escritura joga um papel importante. O perigo reside em que funcione como o modelo prestigioso e afete, empobrecendo as formas próprias da cultura oral (para o caso do Paraguai: MELIÁ, 2010; NIRO, 2013). (ARNOUX, 2016. p. 292).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARCIA, Marcus Vinícius Carvalho. Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística (2014: Foz do Iguaçu-PR). *Anais do Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística*, organização, Marcus Vinícius Carvalho Garcia *et al.* Brasília-DF: Iphan, 2016. 1. Diversidade Linguística. 2. Patrimônio Cultural. 3. Patrimônio imaterial. I. Garcia, Marcus Vinícius Carvalho. II. Anais. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais5_Seminario_Iberoamericano_de_Diversidade_Linguistica_.pdf, em 18 de fevereiro de 2020.

LATINDEX, BIBLAT, CLASE, HAPI, ERIC, ULRICHS, CIBERA, LATINREV, LATINOAMERICANA, MIAR, ROAD y Sherpa-Open Door. Disponible en Academia.edu: <http://ucap.academia.edu/ep> y en Google Libros. Acesso em 21/11/2020.

CORRESPONDENCIA Y CANJE: *Revista Estudios Paraguayos* © Centro de Estudios Antropológicos (CEADUC). Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción” Independencia Nacional y Comuneros Casilla de Correo #1718 – Asunción – Paraguay. Acesso em 21/11/2020.

MACIEL, Franco Ruberval. ROCHA, Cláudia Hilsdorf. *Ensino de Línguas Estrangeiras como prática translíngue*. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4450437081883001191>. Acesso em: 10/03/2020.

MEC, CIIE. *La lengua guarani en el Sistema Educativo en las últimas décadas*. Disponível em: [La lengua guarani en el sistema educativo en las dos ... - MECwww.mec.gov.py > cms_v2 > adjuntos](http://www.mec.gov.py/cms_v2/adjuntos). Acesso em 24/04/2020.

MIGNOLO, Walter D. *Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade*. Trad. de Marco Oliveira Duke University, Durham, NC, EUA. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro-RJ, Brasil. DOI 10.17666/329402/2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>. Acesso em: 27/03/2020.

MONTEAGUDO, Henrique. *A invenção do Monolingüismo*. Disponível: <https://docplayer.com.br/84088478-A-invencao-do-monolingüismo-e-dalingua-nacional.html>. Acesso em: 12/02/2020.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 06/06/2020.

SPINOZA. *Conhecimento e afetividade em Spinoza*. Pascal Sévérac.
Disponível em: [http://www.martinsfontespaulista.com.br/anexos/produ-
tos/capitulos/5_P91740.pdf](http://www.martinsfontespaulista.com.br/anexos/produ-
tos/capitulos/5_P91740.pdf)>Acesso em: 02/04/2020.